

## A RELAÇÃO ENTRE O USO DA HORA ATIVIDADE E O TEMPO DE LAZER DOS/AS PEDAGOGOS/AS DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE FARROUPILHA/RS<sup>1</sup>

Júnior de Arruda<sup>2</sup>

Denis William Grippa<sup>3</sup>

**Resumo:** Incorporando-se às discussões sobre qualidade de vida docente, o objetivo deste estudo foi investigar a relação entre o uso da hora atividade e o tempo de lazer dos pedagogos/as da rede pública municipal de Farroupilha/RS que trabalham 30 horas semanais ou mais. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa e na produção dos dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada. Por meio da análise de conteúdo, compreendeu-se que as entrevistadas reconhecem e valorizam o tempo da hora atividade, bem como concordam que esse momento contribui para potencializar/aumentar o tempo de lazer que elas dispõem, fomentando outros estudos nesse sentido para melhor compreender o impacto da hora atividade na qualidade de vida docente.

**Palavras-chave:** Hora atividade. Lazer. Qualidade de vida docente.

### 1 Introdução

A quantidade de trabalho que, muitas vezes, o/a docente leva para casa é mensurável apenas para o/a próprio/a profissional. Aulas para planejar, leituras para fazer e tarefas para corrigir são exemplos de atividades corriqueiras e que podem comprometer o tempo de lazer deste/a profissional. Além disso, a profissão docente implica na necessidade do embasamento teórico para efetivação de práticas pedagógicas. Nesse sentido, a formação continuada de professores é compreendida como de grande importância para qualificar e valorizar o trabalho desses/as profissionais (CANDAU, 1997; IMBERNÓN, 2010; NÓVOA, 2002).

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Educação: Reflexões e Práticas para a Educação Básica do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – *Campus* Farroupilha, no ano de 2022/1, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Educação.

<sup>2</sup> Licenciado em Pedagogia e especialista em Orientação e Supervisão Educacional; acadêmico do curso de Especialização em Educação do IFRS – *Campus* Farroupilha; professor da rede particular no município de Farroupilha/RS. E-mail: [juniordearruda1@gmail.com](mailto:juniordearruda1@gmail.com).

<sup>3</sup> Licenciado e bacharel em Educação Física e mestre em Saúde; orientador do trabalho de pesquisa; professor do IFRS – *Campus* Farroupilha. E-mail: [denis.grippa@farroupilha.ifrs.edu.br](mailto:denis.grippa@farroupilha.ifrs.edu.br).

Em âmbito federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), no artigo 67, inciso V, assegura aos profissionais da educação período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga horária de trabalho. A Lei Federal 11.738/2008, conhecida nacionalmente como “Lei do Piso”, quando fala sobre a jornada de trabalho no Parágrafo 4º do artigo 2º, fixa o limite máximo de 2/3 da carga horária para interação com os educandos.

O Conselho Nacional de Educação (CNE) e a Câmara de Educação Básica (CEB) aprovam a Resolução CNE/CEB 02/2009, a qual fixa diretrizes para os Planos de Carreira e Remuneração dos Profissionais do Magistério da Educação Pública Básica e preenche a lacuna deixada pela Lei 11.738/2008, orientando quanto ao uso do 1/3 da carga horária restante. Conforme o Artigo 4º, inciso VII, esse tempo deve ser utilizado para preparação de aulas, avaliação da produção dos alunos, reuniões escolares, contatos com a comunidade e formação continuada.

No estado do Rio Grande do Sul, o Decreto nº 49.448/2012 regulamenta que, para o regime de trabalho de vinte horas semanais do profissional do Magistério em função de regência, no artigo 3º, inciso II, sete horas destinam-se para “horas-atividade”. O município de Farroupilha/RS possui plano de carreira e cumpre a Lei nº 11.738/2008, concedendo a todos/as os/as professores/as da rede pública municipal 1/3 da carga horária para hora atividade.

Seguindo esse viés, a presente pesquisa se propôs a investigar a relação entre o uso da hora atividade e o tempo de lazer dos pedagogos/as da rede pública municipal de Farroupilha/RS. Tendo esses/as profissionais 1/3 da carga horária de trabalho para estudos, planejamento e avaliação, se supôs que eles/as conseguem balancear trabalho e lazer.

Equilibrar qualidade de vida e trabalho é uma discussão atual, em um mundo de desenvolvimento tecnológico e que exige alta performance e qualificação profissional (BOM SUCESSO, 1998; RODRIGUES, 1994). Por esse caminho, trabalho e lazer, mesmo que com características distintas, estabelecem relações dialéticas, entretanto, é importante que as implicações do trabalho docente não comprometam o tempo de lazer dos/as professores/as, sendo o lazer também um direito social (ATHAYDE; FERNADES; HÚNGARO, 2011).

Analisar as variáveis entre o uso da hora atividade dos/as pedagogos/as da rede pública municipal de Farroupilha/RS e o tempo de lazer desses/as profissionais se justifica tanto pela relevância da hora atividade e sua dinamicidade quanto pelo lazer como fator determinante para qualidade de vida dos/as docentes. É válido, ainda, ressaltar o interesse pessoal do autor para com o tema, enquanto professor que não tem hora atividade.

Sendo o tempo uma variável entre a hora atividade e o lazer, compreender o papel ocupado pela hora atividade na dinâmica docente e discutir o tempo de lazer dos/as professores/as pode contribuir para melhor compreender as condições de trabalho de determinada(s) realidade(s) escolar(es), a utilização da hora atividade em Farroupilha/RS, os impactos desta utilização na vida pessoal dos/as docentes e a relação entre o uso da hora atividade e o tempo de lazer desses/as profissionais, além das conclusões poderem servir de base para outros estudos na área.

## **2 Desenvolvimento**

### **2.1 Percurso metodológico**

Esta pesquisa se utilizou de uma abordagem qualitativa, classificando-se como pesquisa exploratória. Para Gil (2008, p. 41), “As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Nesse sentido, explorar o uso da hora atividade por parte dos/as pedagogos/as da rede pública municipal de Farroupilha/RS no intuito de investigar a relação entre o uso da hora atividade e o tempo de lazer desses/as profissionais é o que impulsionou este estudo.

O trabalho compreendeu: mapear os atos legais que instituem a hora atividade em âmbito nacional, estadual e municipal; pesquisar sobre formação continuada de professores, qualidade de vida no trabalho e lazer; levantar informações junto a Secretaria Municipal de Educação de Farroupilha/RS com vista a tomar conhecimento dos pedagogos/as que trabalham 30 horas semanais ou mais; convidar parte desses/as

profissionais para participar da pesquisa; enviar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para quem aceitasse participar do trabalho; entrevistar os/as participantes; transcrever as entrevistas; analisar as variáveis entre o uso da hora atividade e o tempo de lazer desses/as profissionais.

A população da pesquisa foi composta por quatro pedagogas da rede pública municipal de Farroupilha/RS que trabalham 40 horas semanais. No quadro abaixo, temos a caracterização da amostra com informações sobre o perfil das entrevistadas:

Entrevistada 1	Entrevistada 2	Entrevistada 3	Entrevistada 4
Pedagoga, pós-graduada em Docência da Educação Infantil e Psicopedagogia. Professora há sete anos. Servidora pública há cinco anos, com uma nomeação de 40h semanais para Educação Infantil, cumprindo toda carga horária em uma escola.	Formada em Magistério e Pedagogia. Pós-graduada em Ação Interdisciplinar na Educação. Professora há dezoito anos. Servidora pública há doze anos, com duas nomeações de 20h semanais para Anos Iniciais, cumprindo a carga horária em duas escolas.	Pedagoga, pós-graduada em Orientação e Supervisão Educacional. Professora há dez anos. Servidora pública há dois anos, com uma nomeação de 40h semanais para Educação Infantil, cumprindo a carga horária em uma escola.	Formada em Pedagogia e pós-graduada em Educação Infantil e Anos Iniciais. Professora há três anos. Servidora pública há dois anos, com uma nomeação de 40h semanais para Educação Infantil, cumprindo com a carga horária em duas escolas.

Para chegar até essas pedagogas, foi entrado em contato com a Secretaria Municipal de Educação do Município, por e-mail e telefone. A amostragem foi feita por tipicidade ou intencional e saturação. As docentes foram convidadas a participar da pesquisa e foi encaminhado o TCLE para assinatura de maneira digital, deixando bem claro riscos (tais como invasão de privacidade, constrangimento, cansaço ao responder às perguntas e estresse) e benefícios (contribuir para melhor compreender as condições de trabalho de determinada(s) realidade(s) escolar(es), fornecer subsídios para outras discussões em estudos futuros na área, possibilidade de refletir sobre como utiliza a hora atividade em sua jornada de trabalho e como poderia potencializar o tempo de lazer em sua vida pessoal, além de compreender quais os impactos da utilização da hora atividade na vida pessoal dos/as docentes). Diante de qualquer tipo de questionamento ou dúvida,

as docentes poderiam realizar o contato imediato com os pesquisadores responsáveis pelo estudo, os quais forneceriam os esclarecimentos necessários. Posteriormente a isso, foram agendadas entrevistas de maneira remota (via Google Meet), de acordo com a disponibilidade de tempo das entrevistadas. As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado e foram gravadas para transcrição e análise. Nenhum risco se concretizou no decorrer do estudo.

Como instrumento de coleta de dados, se fez mão de pesquisa documental e entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados por meio do método de análise de conteúdo. Consoante Bardin (2011, p. 37), “A análise de *conteúdo* é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”<sup>4</sup>, pois através das etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, é possível atingir um desvendar crítico do material produzido na pesquisa. Seguindo esse viés, após a transcrição das entrevistas, se realizou a pré-análise, em que se buscou organizar todos os materiais que compuseram o corpo da pesquisa, a saber, a literatura consultada, o arcabouço jurídico brasileiro sobre a temática e as entrevistas realizadas. Em seguida, se partiu para a exploração do material e através da codificação foi possível chegar nas categorias “O papel ocupado pela hora atividade na dinâmica do trabalho docente” e “Discussões sobre o tempo de lazer das pedagogas entrevistadas”. Por fim, por meio da inferência, foi possível realizar o tratamento dos resultados, com o entrelace da literatura e do arcabouço jurídico levantados na pesquisa documental e as entrevistas realizadas.

A partir do caminho metodológico trilhado na construção do projeto e da pesquisa em si, entendeu-se que o referencial teórico faria mais sentido se inserido na dinâmica de apresentação e discussão dos resultados, fazendo a costura entre teoria e objeto de estudo. Para preservar a identidade das participantes, foi utilizada a letra “E”, seguida de um numeral (1-4) para identificá-las. Na discussão dos resultados, a partir do que foi interpretado das entrevistas e entrelaçado ao referencial teórico, foram transcritos trechos das falas que corroboram com as interpretações feitas. É importante enfatizar que este estudo teve início após a apreciação e aprovação do projeto pelo Conselho de Ética em Pesquisa (CEP), o qual aconteceu em 29/01/2021, pelo parecer número 4.516.433.

---

<sup>4</sup> Grifos do autor.

## 2.2 Referencial teórico, apresentação e discussão dos resultados

### 2.2.1 O papel ocupado pela hora atividade na dinâmica do trabalho docente

A partir do arcabouço jurídico desenvolvido no Brasil desde a publicação da LDBEN (BRASIL, 1996), a hora atividade foi se constituindo como um direito dos/as professores/as, prevista na jornada de trabalho, sendo regulamentada por pareceres e leis posteriores que constituíram as normas para sua aplicação em âmbito federal, estadual e municipal.

Todas as entrevistadas relataram que, de fato, possuem 1/3 da carga horária para hora atividade. Elas reconhecem a importância desse momento, incluído na jornada de trabalho, para estudos, planejamento e avaliação, sendo que elas trabalharam na rede privada de ensino anteriormente a serem concursadas do município de Farroupilha e não tinham esse tempo. Segundo E1:

Eu acho que é um recurso muito bom para nós, professores, porque eu vinha de uma rede privada onde eu não tinha hora atividade. Eu era profe 20 horas e quando eu planejava? Fora do horário. Então, eu acho que a hora atividade do Município é um direito que a gente tem, muito bom, para podermos nos organizar, planejar, atender pais quando necessário e alunos que têm maior dificuldade, conversar com outros professores da escola para combinar atividades e ver melhores formas, conversar com a coordenação pedagógica e também para a gente, enquanto profissional, para dar uma respirada e saber que eu tenho o meu horário, na escola, para poder planejar, inclusive com outras profes, por exemplo. Ter hora atividade é um acalanto (E1).

Conforme levantado pela pesquisa, a cada 20 horas de trabalho, o professor da rede pública municipal tem direito a seis horas atividade, as quais são fragmentadas em diferentes dias da semana. As entrevistadas, como trabalham 40 horas semanais, tem 12 horas atividade por semana. De acordo com E3: “Eu sou concursada quarenta horas, então eu tenho um dia e mais três períodos de hora atividade. Um dia e meio a gente diz. Na minha escola, eu tenho as terças à tarde, na quarta-feira os dois primeiros períodos e nas quintas, manhã e tarde, um período.”. Também foi trazido pelas participantes que a Secretaria Municipal de Educação (SEDUC) costuma organizar os encontros de formação pedagógica nos dias de hora atividade dos professores e que tenta organizar esses dias de maneira com que os profissionais fiquem agrupados em anos de ensino

ou áreas do conhecimento. Conforme E2:

Esses encontros pedagógicos, até 2019, aconteciam. A princípio, seriam dez encontros anuais. Cinco seriam presenciais, na SEDUC, e cinco disponibilizados pela escola, onde a coordenação teria que organizar esses encontros. Algumas escolas promoviam esses encontros na hora atividade dos professores, reunindo determinados grupos, pois cada dia da semana corresponde a um ano. Por exemplo, terça-feira é o dia da hora atividade dos professores de Educação Infantil e 1º Ano. E com os professores de áreas específicas também é assim. Às vezes uma palestra que acontecia na escola também era aproveitada para substituir essa formação (E2).

E2 falou que os encontros presenciais aconteciam até 2019 e que, a partir de 2020, foram suspensos por conta da pandemia de COVID-19. E3 trouxe: “Na pandemia, foi encaminhado um link de uma formação.”, ilustrando outras falas que disseram ser obrigatório apresentar certificados de formação on-line e encaminhá-los para SEDUC de 2020 a 2021. Nesse contexto, E4 relata: “Aí veio a pandemia e, então, no ano passado, nós não tivemos formação. Só tivemos um congresso on-line com palestrantes pelo YouTube. Não houve interação. Esse ano, infelizmente, não tivemos nenhuma formação presencial.”. A partir de sua fala, é possível inferir sobre a importância e a necessidade dos encontros de formação pedagógica para ela. De fato, a formação continuada de professores/as permite a aproximação entre os processos de mudança que se deseja provocar no contexto escolar e a reflexão intencional sobre as consequências dessas transformações. Assim, a interação entre professores/as, como trazido por E4, é fundamental para promover esses processos.

A formação continuada de professores/as precisa ser considerada no contexto da atuação docente, sendo parte constituinte da hora atividade. Essa formação, entendida como elemento de desenvolvimento profissional, pode ressignificar a prática dos/as professores/as, contextualizando-a em relação às novas e crescentes demandas sociais. Dessa forma, não pode ser pensada como meio de acumulação de certificações. Consoante Candau:

A formação continuada não pode ser concebida como um meio de acumulação (de cursos, palestras, seminários, etc., de conhecimentos e técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal e profissional, em interação mútua. E é nessa perspectiva que a renovação da formação continuada vem procurando caminhos novos de desenvolvimento (1997, p. 64).

Quando questionada sobre como enxerga a hora atividade, E4 respondeu: “Resumindo, é uma benção. É a melhor coisa que inventaram para o professor. Eu não conseguiria fazer nem metade de tudo que eu faço, dos meus planejamentos.”. Na verdade, todas as entrevistadas enfatizaram a importância desse momento, especialmente, para o planejamento escolar. Para Padilha (2001), realizar planos e planejamentos educacionais e escolares implica em uma atividade engajada, intencional, científica, de caráter político e ideológico e sem neutralidade. Nesse sentido, o planejamento escolar, compreendido na hora atividade, é um processo que estabelece meios de se alcançar finalidades, considerando a realidade da comunidade escolar, seus interesses e suas necessidades de ensino e aprendizagem. Para E2:

É o tempo que eu tenho para planejar, se precisar corrigir trabalhos, avaliações... É o tempo que eu tenho para alimentar o sistema de registros, faltas, ou conversar com alguma família, caso seja necessário, ou fazer uma troca com uma colega parceira, com gestores. A hora atividade, para mim, foi uma surpresa, quando eu descobri que teria um tempo, na escola, para fazer as coisas (E2).

E2, assim como as outras entrevistadas, destaca o impacto positivo da hora atividade para realizar tarefas que, quando trabalhava na rede privada de ensino, muitas vezes precisava fazer em casa. E3 também ressalta o papel da hora atividade para ela hoje: “Olha, é difícil até de mensurar, porque pra quem nunca teve, é um momento de muita produção e eu não paro de agradecer por ela. Eu não trago nada pra casa.”. Fica nítido, em diferentes falas das participantes, o reconhecimento e a importância da hora atividade para organizar e sistematizar o trabalho pedagógico.

Além de tempo para estudos e planejamento, a avaliação escolar também é uma ação prevista na hora atividade e, assim como citada acima por E2, também foi trazida por outras participantes. Conforme Hoffman (1993, p. 153): “Avaliação significa ação provocativa do professor, desafiando o educando a refletir sobre as situações vividas, a formular e reformular hipóteses, encaminhando-se a um saber enriquecido.”. Dessa forma, ao avaliar, o/a professor/a está acompanhando o desempenho do/a aluno/a, em suas conquistas e progressos. Dentre os vários caminhos que a avaliação escolar pode seguir, os/as alunos/as são geralmente avaliados/as nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental por pareceres descritivos trimestrais ou boletins com critérios de

desempenho, o que exige um olhar sensível para cada indivíduo, acolhimento e amorosidade (LUCKESI, 2005). O tempo previsto na hora atividade para avaliação oportuniza que os/as professores/as desempenhem diferentes atividades que compreendem essa ação.

Em relação às atividades que são realizadas ou que precisam ser realizadas durante a hora atividade, as entrevistadas disseram que têm autonomia para gerenciar o tempo entre suas demandas e que não existe, no geral, uma obrigatoriedade ou fiscalização por parte da SEDUC no sentido de como esse tempo é aproveitado. Segundo E4: “A hora atividade é minha e eu faço dela o que eu quiser.”. E3 destaca: “Eu acho que se é hora atividade, obviamente o professor precisa estar planejando, então a minha escola não precisa me dizer isso.”. Além da questão do planejamento, E2 enfatiza a importância da autonomia do professor para gerenciar esse tempo e dar conta do que “precisa” ser feito, incluindo questões burocráticas, que variam de uma escola para outra. De acordo com ela:

Não existe uma fiscalização. Existe a questão da autonomia. É preciso dar conta do que precisa ser feito, como planos trimestrais e registros. Muda muito de uma escola para outra, também. Em uma das escolas que eu trabalho, uma vez por mês é feita a conferência do sistema, dos diários de classe. A coordenadora pedagógica faz apontamentos. Muitas escolas não têm esse controle. Depende muito da gestão de cada escola (E2).

Quando questionadas sobre cumprir a hora atividade na escola ou em casa, todas as participantes disseram ser obrigatório cumprir esse tempo na escola. Por conta da pandemia de COVID-19, até 2021, um terço da carga horária da hora atividade estava sendo cumprida na escola e o restante em casa. A respeito disso, E3 disse:

A regra é cumprir na escola. Como na pandemia observou-se que a aglomeração estava acontecendo, passou-se a realizar as horas atividades em casa, mas só nos “dias cheios”, como a gente chama. Então, se eu tenho a tarde toda da terça para hora atividade, é nesse dia que eu fico em casa. Agora, se eu tenho os dois primeiros períodos da quarta, eu vou pra escola. Na terça à tarde e na quinta pela manhã eu fico em casa e, nos outros dias, eu vou pra escola. Mas é só nesse momento de pandemia, pois até 2019 sempre se buscou realizar as horas atividades no ambiente escolar (E3).

Nesse sentido, E2 fez um relato importante, não trazido pelas outras entrevistadas, dizendo ser possível fazer acordos, muitas vezes autorizados pela própria SEDUC, no sentido de trocas, como, por exemplo, agendar médico no dia da hora atividade para

“ajudar” a escola, não precisando interromper o atendimento aos alunos. Entretanto, ela também reflete sobre o impacto dessas trocas: “Mas, ao mesmo tempo, o que eu não planejei na escola, eu vou ter que planejar em casa. Então, são adequações que a gente vai ponderando.”.

Por meio da análise dessa categoria, compreende-se que as pedagogas entrevistadas dispõem de 1/3 da carga horária de trabalho para hora atividade, destinando esse tempo especialmente para o planejamento, embora estudos e avaliação escolar também tenham sido contemplados em suas falas. Elas reconhecem e valorizam esse momento, enfatizando palavras como “recurso”, “direito”, “acalanto” e “benção”. Até a pandemia de COVID-19, as participantes precisavam cumprir o tempo da hora atividade nos espaços escolares onde atuavam e encontros de formação pedagógica presenciais também aconteciam nesse momento.

### 2.2.2 Discussões sobre o tempo de lazer das pedagogas entrevistadas

Para além da compreensão do papel ocupado pela hora atividade na dinâmica do trabalho docente, também foram promovidas reflexões sobre o tempo de lazer das entrevistadas a partir de seus locais de fala. É sabido que os/as professores/as, muitas vezes, acabam levando trabalho para casa, o que pode comprometer o tempo de lazer desses/as profissionais.

Trabalhar, mas também ter qualidade de vida é um desafio de diferentes profissões (RODRIGUES, 1994). No caso dos/as docentes, quando o ambiente de trabalho se trata de uma instituição de ensino, ter qualidade de vida é um fator determinante para garantir o sucesso das aulas, já que interfere no rendimento dos/as profissionais, tanto dentro quanto fora do espaço escolar.

#### Para Bom Sucesso:

O mais forte desafio tem sido viver com qualidade em um mundo de alto desenvolvimento tecnológico, que evidencia a dificuldade de conciliar trabalho e vida pessoal. Não se concebe mais que o sucesso na carreira implique fracasso no casamento, na vida afetiva, argumento utilizado por aqueles que aceitam como inevitável o conflito família-trabalho (1998, p. 19).

Sobre qualidade de vida docente, pesquisas têm sido conduzidas nesse sentido, especialmente de 2011 a 2017, sendo a maioria realizadas no Brasil, com professores/as atuantes no Ensino Fundamental e Médio, mas poucos trabalhos com docentes de Educação Infantil. No geral, esses/as profissionais estavam com uma percepção regular da qualidade de vida (FOLLE; GUIMARÃES; NASCIMENTO, 2020).

Quando questionadas sobre acharem que, por terem hora atividade, as participantes trabalhariam menos fora de suas jornadas de trabalho, três das quatro entrevistadas foram enfáticas ao dizer que sim. Conforme E1: “Com certeza. Tendo hora atividade, eu consigo me organizar naquele momento e depois do horário de trabalho eu consigo respirar e viver mais para mim.”. De acordo com E2: “Sim. Se não, tudo o que eu invento, eu teria que fazer em casa.”. Para E3: Com certeza! E eu acho que tem que se organizar. É o básico ter o planejamento em dia.”. Já E4 disse:

Eu acho que não. De vez em quando, a gente traz alguma coisa pra fazer em casa. A gente é professor 24 horas por dia. Estou andando na rua e vejo uma coisa que dá pra fazer com os alunos. Vejo no lixo uma caixinha e penso que eu posso levar pra sala de aula. Não estar na escola não é não estar trabalhando. Por ter hora atividade, não me sobrecarrego depois do trabalho, mas claro que de vez em quando eu trago alguma coisa pra casa pra terminar, mas não é uma rotina. Dentro das 40 horas, o tempo que eu tenho de hora atividade é o suficiente para me organizar (E4).

Embora E4 comece sua fala dizendo que acha que não trabalha menos fora da sua jornada de trabalho por ter hora atividade, ela mesma diz que não se sobrecarrega, que “de vez em quando” leva trabalho para casa, mas isso não é corriqueiro e o tempo da hora atividade dela seria suficiente para se organizar. Em relação ao tempo da hora atividade ser suficiente para realizar as atividades que as professoras gostariam ou precisam, E2 justificou:

Eu acho que essa questão do tempo é relativa. Eu posso dar conta, outro professor não. A forma como você vai administrar e o seu ritmo de trabalho influenciam. Eu nem sempre consigo. Já usei muito mais o meu tempo em casa para planejamento. Já aconteceu de eu chegar em casa e ficar duas, três horas trabalhando, todos os dias. Depois eu parei para pensar e decidi que não era certo, eu precisava ter vida pessoal, lazer, fazer outras coisas para além do trabalho. O trabalho é, sim, importante, mas eu não posso colocá-lo como a primeira coisa na minha vida. Então, eu fui me adaptando, me organizando, para trabalhar mais na escola (E2).

As entrevistadas expuseram, ainda, suas opiniões sobre lazer. Segundo E1:

“Lazer é passear, desligar um pouquinho a cabeça do planejamento, do dia a dia, e é o que a gente deveria fazer, se permitir fazer, fazer aquilo que gosta.”. Para E2: “Lazer é atividade física. É assistir uma série, sair com os amigos, tomar um bom vinho.”. E3 disse: “O que é lazer? Eu acho que como a escola não faz com que eu tenha trabalho em casa, eu consigo ter diversos momentos com a minha família no final de semana.”. E, de acordo com E4: “Lazer é quando eu estou com minha família, sem essa preocupação de corrigir trabalho, postar alguma coisa, fazer planejamento.”.

Lazer é um objeto de estudo que compreende diversas concepções. Pode ser discutido, por exemplo, como fragmento de “tempo livre” conquistado por lutas trabalhistas; como descanso semanal e férias anuais; como oposição às necessidades e ocupações da vida cotidiana e como cultura vivenciada no “tempo disponível” (GOMES, 2004).

Sendo o lazer um direito social (ATHAYDE; FERNADES; HÚNGARO, 2011), é preciso garantir que a quantidade de trabalho, mensurável apenas para o/a próprio/a profissional, não comprometa sua qualidade de vida. De acordo com a visão marxista, trabalho e lazer são atividades complementares e não opostas. Dessa forma, problemas em um contexto também desencadeiam problemas no outro.

Segundo Gomes:

Trabalho e lazer, apesar de possuírem características distintas, integram a mesma dinâmica social e estabelecem relações dialéticas. É preciso levar em conta o dinamismo desses fenômenos, atentando para as inter-relações e contradições que eles apresentam. Em virtude desse aspecto, trabalho e lazer não constituem pólos opostos, representando faces distintas de uma mesma moeda (2004, p. 121).

Seguindo uma abordagem também marxista, Marcarenhas (2001, p. 92) formula que “o lazer se constitui como um fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perpassado por relações de hegemonia”. Nesse sentido, o autor interpreta o lazer como espaço de organização e produção cultural e que oportuniza questionamentos de ordem social. Assim, a existência da hora atividade, prevista e amparada legalmente na jornada de trabalho dos/as professores/as, pode

promover esse tempo e espaço de vivências lúdicas fora do contexto escolar, sendo definidos sob diferentes perspectivas pelas entrevistadas.

Considerando as falas das participantes, compreende-se que uma variável entre o uso da hora atividade e o tempo de lazer dessas profissionais é a organização e otimização do tempo em si. O que é produzido, na hora atividade, significa menos trabalho ou não ter trabalho em casa, potencializando o tempo que pode ser utilizado para o lazer. De acordo com E1: “Se eu não tivesse hora atividade, eu teria que ficar fora do horário, à noite, final de semana, fazendo, planejando.”.

Outra variável entre o uso da hora atividade e o tempo de lazer que se apresentou na pesquisa foi o espaço de trabalho. As entrevistadas foram questionadas sobre, mesmo tendo a obrigatoriedade de cumprir a hora atividade em ambiente escolar antes da pandemia de COVID-19, terem preferência por cumprir esse horário na escola ou em casa. Três das quatro participantes afirmaram que preferem na escola, por acharem que otimizam melhor o tempo dessa forma, tendo menos distrações e mais acesso aos materiais que o espaço escolar oferece. Conforme E4:

Eu acho que em casa a gente se distrai muito com os afazeres domésticos. Na escola, você pode ir na biblioteca, em algum lugar mais silencioso. Se produz mais. O material e o seu armário estão ali. Eu prefiro na escola, mas eu sou assim. Vai ter alguém que prefira em casa, porque na escola pode ter distração, também (E4).

Os espaços de trabalho podem contribuir para o desempenho e a produtividade dos trabalhadores, além de promover a troca de experiências entre colegas de profissão que, ao interagirem, têm a oportunidade de criar e recriar conhecimento (BEBBER; D'ARRIGO; FACHINELLI, 2016). Ao cumprirem o tempo da hora atividade nas escolas que trabalham, os/as professores/as, além de contarem com os recursos didático-pedagógicos desses espaços, conseguem dialogar de maneira mais efetiva com a comunidade escolar, potencializando relações de parceria com colegas de trabalho, alunos/as e famílias.

Questionadas sobre suas práticas de lazer mais frequentes, as participantes trouxeram atividades físicas, momentos em família e com os amigos, passeios e viagens. Três das quatro entrevistadas também trouxeram que o tempo que destinam ao lazer, hoje, é suficiente. Quando perguntado sobre acharem que a existência da hora atividade

contribui para potencializar/aumentar o tempo de lazer, todas foram unânimes ao dizer que sim. De acordo com E4: “Se não fosse esse período pra planejar, seria feito quando? À noite, nos finais de semana... Isso implicaria nos meus momentos de lazer em família.”. E3 enfatizou: “Sim. Com certeza. Como esse profissional que nunca teve um tempo destinado para os afazeres da sua prática pedagógica, dentro da sua carga horária, chega no final do ano?”. Para E2: “Sim, bastante, porque se eu não tivesse hora atividade, o que eu dou conta de fazer lá, eu teria que fazer em algum outro momento.”. E1 afirmou:

Com certeza. Se eu não tivesse a minha hora atividade para respirar, eu teria que ocupar os meus momentos que seriam de lazer para isso. Eu acho que todos os professores precisam disso, porque quando a gente está em sala de aula, a gente está 100%, 150%. A gente não é só professor. A gente é enfermeiro, psicólogo, um pouco de tudo, então, a gente se doa muito para escola. A gente tem reuniões pedagógicas, eventos... A gente está sempre para escola. Eu acho que essa hora atividade não é um brinde. A gente faz por merecer. E, também, eu acho que, para qualidade das aulas, poder sentar e planejar é muito melhor do que apenas, em muitos casos, pegar “essa aula mesmo”. Eu não quero dar aula assim. Eu quero planejar (E1).

Ainda nessa mesma questão, E3 refletiu:

Eu acho que eu gostaria, tendo esses dois lados, particular e público, de dizer sobre a importância e a diferença que faz na vida de um professor ter esse momento de planejamento. É primordial. Não pra qualidade do trabalho, pois eu acho que o professor do particular também é muito qualificado e ele precisa mostrar isso, mas pra qualidade de vida do profissional que, por consequência, reflete no tratamento com os alunos, no tratamento com os pais, os professores, enfim... Eu acho que o ambiente escolar se tornaria diferente com um professor menos cansado (E3).

A partir das discussões dessa categoria, entende-se que as pedagogas entrevistadas reconhecem que, por terem hora atividade, acabam tendo que trabalhar menos fora de suas jornadas de trabalho. A maneira como elas gerenciam o tempo, bem como seus espaços de trabalho, são variáveis entre o uso da hora atividade e o tempo de lazer que dispõem. No geral, elas estão satisfeitas com o tempo de lazer que possuem e todas reconhecem que a hora atividade contribui para potencializar/aumentar o tempo de lazer e, conseqüentemente, a qualidade de vida das docentes.

### **3 Considerações finais**

Com este trabalho, almejou-se compreender o papel da hora atividade na dinâmica do trabalho docente, além de analisar as variáveis entre o uso da hora atividade dos/as pedagogos/as da rede pública municipal de Farroupilha/RS e o tempo de lazer desses/as profissionais, bem como discutir o tempo de lazer desses/as professores/as a partir da compreensão da hora atividade na dinâmica docente.

A hora atividade é um direito dos/as professores/as. Através da pesquisa, constatou-se que os/as pedagogos/as da rede pública municipal de Farroupilha/RS dispõem de 1/3 da carga horária de trabalho para hora atividade, utilizando esse tempo para estudos, planejamento e avaliação. As entrevistadas, além de reconhecerem e valorizarem esse momento, trouxeram que trabalham menos fora de suas jornadas de trabalho por conta da hora atividade.

Através das análises feitas, identificou-se tempo e espaço de trabalho como sendo variáveis entre o uso da hora atividade e o tempo de lazer das participantes. Ao trazerem que estão satisfeitas com o tempo de lazer que possuem e também concordarem que a hora atividade contribui para potencializar/aumentar o tempo de lazer que dispõem, as pedagogas evidenciam a relação que se estabelece entre a hora atividade e o tempo de lazer dos/as professores/as, fomentando outros estudos nesse sentido para melhor compreender o impacto dessa relação na qualidade de vida docente.

### Referências:

ATHAYDE, Pedro Fernando; FERNADES, Erick Rodrigo; HÚNGARO, Edson Marcelo. **Lazer, trabalho e sociedade**: notas introdutórias sobre o lazer como direito social. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd155/o-lazer-como-um-direito-social.htm>>. Acesso em 04 out. 2020.

BEBBER, Suélen; D'ARRIGO, Fernanda Pauletto; FRACHINELLI, Ana Cristina. **Influência do ambiente físico de trabalho na criação do conhecimento nas organizações**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pci/a/cHcWtVnfhV3wmt4tJRdPrLz/?lang=pt>>. Acesso em 29 mar. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOM SUCESSO, Edina de Paula. **Trabalho e qualidade de vida**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1998.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm#art62](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm#art62)>. Acesso em 04 out. 2020.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.738 de 16 de julho de 2008**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm)>. Acesso em 04 out. 2020.

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CEB nº 2, de 28 de maio de 2009**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao\\_cne\\_ceb002\\_2009.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao_cne_ceb002_2009.pdf)>. Acesso em 04 out. 2020.

BUSS, Paulo Marchiori; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Qualidade de vida e saúde: um debate necessário**. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2000.v5n1/7-18/pt/#ModalArticles>>. Acesso em 04 out. 2020.

CANDAU, Vera Maria (org.). **Rumo a uma nova didática**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

FOLLE, Alexandra; GUIMARÃES, Juliana Regina Silva; NASCIMENTO, Raquel Krapp. **Qualidade de vida de professores: análise da produção científica**. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020e62063>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Christianne Luce (org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

\_\_\_\_\_. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática**. Salvador: Malabares Comunicações e Eventos, 2005.

MASCARENHAS, Fernando. **Lazer e trabalho: liberdade ainda que tardia**. In: SEMINÁRIO "O LAZER EM DEBATE", 2, Belo Horizonte. Coletânea. Belo Horizonte: Imprensa Universitária/CELAR/DEF/UFMG, 2001, p. 81-93.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar?** Petrópolis: Vozes, 2001.

NÓVOA, António. **Formações de professores e profissão docente**. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento Dialógico**: Como construir o projeto político pedagógico da escola. São Paulo: Cortez, 2001.

PEREIRA, Érico Felden et al. **O trabalho docente e a qualidade de vida dos professores na educação básica**. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rsap/v16n2/v16n2a06.pdf>>. Acesso em 04 out. 2020.

RODRIGUES, Marcus Vinícius Carvalho. **Qualidade de vida no trabalho**: evolução e análise no nível gerencial. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.